

Do Sindicato e Defesa da Justiça Laboral

O meu pai era homem bem consciente dos deveres e direitos dos trabalhadores e sindicalizado. Não foi, porém, ativista sindical, defensor público ou acérrimo de causas ou posições. Essa atitude terá tido alguma influência sobre mim.

Quando ingressei na carreira de docente universitário, estive 12 anos com contrato administrativo de provimento. Durante esse período, percecionei a relevância da atividade sindical, particularmente com a privação com um professor, que me reportava o papel crucial do sindicato na defesa dos direitos dos trabalhadores. Mas eu entendia que ser sindicalizado acarretaria mais um ónus à minha precaridade laboral. Somente depois de concluir o meu doutoramento, em 2007, decidi integrar o SNESup.

Desde aí, embora tivesse presente que os sindicatos são fundamentais para garantir condições justas de trabalho, salários adequados e a proteção dos direitos laborais, limitei-me a pagar quotas, ainda que acompanhando e refletindo sobre o que ia passando no mundo do trabalho. Dá-se o caso de em 2013 vir a necessitar de apoio jurídico e, em boa hora, socorri-me dessa valência do SNESup. A intervenção da mandatária foi absolutamente essencial para a resolução favorável do conflito. Essa componente de apoio do SNESup é muito importante.

Considerando que o SNESup pretende promover uma maior equidade social, influenciando políticas públicas e procurando melhorias nas condições de vida e trabalho dos seus associados, decidi candidatar-me a membro do Conselho Nacional. Tudo o que tenho experienciado, desde essa eleição, tem constituído importante momento de aprendizagem e partilha de outras realidades. E é por isso que, dentro das minhas possibilidades, procuro ser mais proativo.

A nossa Carta Magna reconhece a liberdade sindical como “condição e garantia da construção da sua unidade para defesa dos seus direitos e interesses” (art. 55.º/1 CRP). O sindicalismo é, pois, essencial para o fortalecimento da democracia e para a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Jorge Bonito

Professor Catedrático da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora